Futuro Ambiente Estratégico em uma Era de Conflito Persistente

Major Paul S. Oh, Exército dos EUA

EFINIR O FUTURO ambiente estratégico em uma era de conflito persistente é um imenso desafio.1 Ao contrário da época da Guerra Fria, os Estados Unidos não possuem mais um paradigma abrangente com o qual possam ver o mundo. Os atores não-estatais e a guerra irregular são preocupações dominantes dos EUA, conforme continuam a combater as insurgências, ao mesmo tempo em que lidam com ameacas terroristas como a Al-Qaeda. As ameaças tradicionais continuam existindo em locais como a península da Coreia, e a ascensão da China traz a possibilidade de um futuro concorrente estratégico. Forcas cada vez mais mundiais na economia, no meio ambiente e na saúde têm maior impacto nos cidadãos em todo o mundo. Os Estados Unidos não sabem ao certo como estruturar, financiar e supervisionar seu aparato de Segurança Nacional para atender a esses desafios futuros. Nenhum paradigma abrangente é suficiente, e os Estados Unidos enfrentam a possibilidade de passar de uma crise para outra, sem parar.

Várias instituições realizaram estudos para ajudar os formuladores de políticas a se planejarem para os desafios nacionais dos próximos 20 anos. Entre os mais recentes estão *Mapping the Global Future* ("Mapeando o Futuro Global"), do Conselho Nacional de Inteligência; *Joint Operating Environment* ("Ambiente de Operações Conjuntas") do Comando das Forças Conjuntas dos Estados Unidos; *Forging a World of Liberty under Law* ("Criando um Mundo de Liberdade dentro da Lei") do Projeto Princeton sobre Segurança

Nacional; *The New Global Puzzle* ("O Novo Quebra-cabeças Global"), do Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia; e *Global Strategic Trends Programme* ("Programa de Tendências Estratégicas Mundiais") do Centro de Desenvolvimento, Conceitos e Doutrina do Ministério de Defesa britânico.

Esses estudos apontam as tendências que caracterizarão e moldarão o futuro ambiente estratégico: globalização, questões demográficas, ascensão das potências emergentes, meio ambiente e competição por recursos, atores não-estatais e desafios à governança e avanços tecnológicos. Essas tendências apresentarão desafios complexos e multidimensionais que poderão exigir o uso cuidadoso das forças militares junto com outros instrumentos do Poder Nacional.

Para responder a esse futuro ambiente estratégico, os Estados Unidos provavelmente se envolverão em três tipos de missão: guerra expedicionária para administrar a violência e a paz, defesa do domínio dos espaços comuns (commons) e defesa do território nacional. As forças terrestres serão a ponta de lança das missões expedicionárias em "zonas disputadas", para proteger os interesses americanos no exterior.² Forças marítimas, aéreas e espaciais enfrentarão as ameaças ao domínio americano dos espaços comuns — ar, mar, espaço e ciberespaço — os quais as Forças Armadas americanas dominam atualmente. As Forças Armadas também apoiarão os esforços interagências na defesa do território nacional conforme os avanços tecnológicos reduzirem as barreiras naturais para ataques em solo americano.

O major Paul S. Oh é atualmente professor adjunto no Departamento de Ciências Sociais da Academia Militar dos Estados Unidos. Formou-se em 1997 pela academia em West Point como oficial da Inteligência militar. O major Oh serviu em Tal Afar, Iraque, de 2004 a 2005 com o 1º Batalhão/25° Regimento de Infantaria (Strykers). Ficou estacionado no Forte Lewis, no Estado de Washington, e Schofield Barracks, no Estado do Havaí, ocupando diversas posições em Inteligência. Tem mestrado em Assuntos Públicos pela Woodrow Wilson School, na Princeton University.



Equipe de resgate aeroterrestre da Força Aérea dos Estados Unidos, do 82º Esquadrão de Resgate Expedicionário, espera um helicóptero CH-53E dos Fuzileiros Navais aterrar durante um exercício de treinamento perto de Camp Lemonier, Djibouti, 2 de maio de 2009.

Tendências para os Próximos 20 Anos

A globalização traçará novas tendências, com perspectivas otimistas e pessimistas.

O bom. Em Mapping the Global Future, o Conselho Nacional de Inteligência chama a globalização de "megatendência" abrangente que definirá todas as outras tendências do futuro.3 A globalização é um conceito amorfo, mas aqui tem seu sentido mais amplo — a troca cada vez mais rápida de capital, bens e serviços, assim como informações, tecnologia, ideias, povos e cultura.⁴ Os mercados para bens, finanças, serviços e mãode-obra continuarão a tornar-se cada vez mais internacionalizados e interdependentes, o que trará benefícios imensos para o mundo como um todo.⁵ A globalização continuará sendo o motor para um maior crescimento econômico. O mundo ficará mais rico e muitos sairão da pobreza. Não está claro, porém, se um mundo mais rico, no qual os EUA tenham menor poder econômico relativo, será um mundo melhor para o país em termos da sua influência mundial.⁶

Estudos realizados antes da recente crise econômica previam que a economia mundial seria 80% maior em 2020 do que em 2000, com uma renda per capita média 50% maior.⁷ De acordo com o Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia, a economia mundial crescerá a uma taxa anual constante de 3.5% entre 2006 e 2020.8 Os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão provavelmente continuarão a liderar em vários mercados de alto valor, e os Estados Unidos continuarão sendo a principal força impulsionadora como maior potência econômica mundial. As economias emergentes continuarão indo bem, e o Produto Interno Bruto da China e da Índia triplicará até 2025.9 A porcentagem da população mundial vivendo na miséria provavelmente diminuirá. 10

O mau. As vantagens da globalização não serão globais. As duras realidades do capitalismo competitivo criarão vencedores e perdedores definidos e resultarão em um aumento da estratificação social e econômica tanto internacionalmente quanto dentro dos



Um guarda de segurança chinês usando uma máscara de proteção guarda a entrada de um hotel designado como local de quarentena para os que entraram em contato com casos de gripe suína, Pequim, China, 11 de maio de 2009.

países. 11 Internacionalmente, esses perdedores se concentrarão em determinadas áreas do "arco de instabilidade", uma "faixa de território que vai da Bacia do Caribe e atravessa a maior parte da África, Oriente Médio, Ásia Central e Sudeste Asiático". 12 Aqui, a distância entre os países que estão se beneficiando econômica, tecnológica e socialmente e os países que estão ficando para trás continuará a aumentar. 13 E, apesar de a pobreza absoluta diminuir em âmbito mundial, esse não será o caso dessas regiões. Na África Subsaariana, por exemplo, o número de pessoas vivendo na pobreza absoluta — com menos de um dólar por dia — passou de 160 milhões em 1981 para 303 milhões atualmente. ¹⁴ A pobreza e o aumento da desigualdade de renda continuarão a ser um desafio imenso nos próximos 20 anos.

O Centro de Desenvolvimento, Conceitos e Doutrina observa: "A pobreza absoluta e a desvantagem comparativa alimentarão as impressões de injustiça". 15 As disparidades ficarão evidentes a todos por causa das telecomunicações globalizadas. As populações

dos países "desfavorecidos" que acreditem estar perdendo terreno poderão continuar a ser solo fértil para ideologias criminosas e extremistas, que levem à violência dentro e fora desses países.

Uma maior interdependência econômica levará a uma maior interdependência política. Apesar de esse cenário diminuir a perspectiva de uma grande guerra industrializada entre duas nações, significa também que o que acontece em um lugar do mundo afetará outras partes do mundo globalizado. Os choques econômicos repercutirão em todo o mundo. Uma queda drástica na economia dos Estados Unidos, por exemplo, causou uma recessão econômica mundial, que talvez exija soluções políticas regionais ou mundiais.¹⁶

E o feio. A nova era de globalização significa também que os Estados Unidos não podem depender de limites geográficos para se proteger dos diversos problemas do mundo em desenvolvimento. Isso ficou claro nos atentados de 11 de Setembro, quando o ódio promovido pela ideologia extremista do Islã radical

manifestou-se em ataques ao solo americano. Os perigos da interdependência são evidentes em outras áreas também. Os efeitos da mudança climática, doenças e pandemias originadas em partes remotas do mundo afetarão os Estados Unidos.

As doenças infecciosas já são a principal causa de morte nos seres humanos. ¹⁷ A AIDS é um flagelo na maior parte do mundo e é uma ameaça social em várias regiões da África Subsaariana. Mais assustadora ainda é a ameaça da pandemia mundial da gripe aviária. ¹⁸ A conexão cada vez maior das nações resultante da globalização significa que um vírus originário de uma região remota em um país subdesenvolvido pode se espalhar pelo mundo todo com uma velocidade assustadora, conforme evidenciado pelo recente pânico com a "gripe suína". Uma pandemia também causaria problemas econômicos, mesmo que a doença fosse fisicamente mantida fora dos Estados Unidos.

Tendências Demográficas

Os especialistas preveem que a população mundial aumentará em 23,4% de 2005 a 2025. 19 Entretanto, o crescimento populacional no mundo desenvolvido permanecerá relativamente estável. Os Estados Unidos terão 364 milhões de cidadãos até 2030, enquanto a população da União Europeia passará de 458 milhões para 470 milhões em 2025, antes de começar a diminuir. 20 O Japão e a Rússia terão uma redução populacional, passando a população do Japão de 128 milhões para 124,8 milhões e a população da Rússia de 143,2 milhões para 129,2 milhões nos próximos 20 anos. 21

A população dos países desenvolvidos vai apresentar um envelhecimento significativo. Na União Europeia, a proporção de cidadãos em idade ativa (15 a 65) em relação aos aposentados (acima de 65) passará de 4 para 1, em 2000, para 2 para 1, em 2050.²² O Japão se aproximará de 2 para 1, em 2025, e a idade mediana no Japão aumentará, passando de 42,9 para 50 anos.²³ Felizmente, essa tendência não terá um impacto muito grande para os Estados Unidos por causa das maiores taxas de fertilidade e um nível mais elevado de imigração.²⁴ A Europa e o Japão poderão enfrentar distúrbios sociais ao tentarem assimilar grandes números de trabalhadores

migrantes dos países em desenvolvimento. Esses fatores desafiarão, em breve, a estrutura de Previdência Social desses países, sua produtividade e os gastos discricionários em Defesa e assistência externa.

Países em desenvolvimento. Noventa por cento do crescimento populacional mundial até 2030 ocorrerá nos países em desenvolvimento e nos países mais pobres. ²⁵ O crescimento populacional nessas áreas passará de 43% para 48,4% na África Subsaariana, 38% na região do Oriente Médio/Norte da África, 24% na América Latina e 21% na Ásia. Nove de cada dez pessoas viverão no mundo em desenvolvimento nos próximos 20 anos. ²⁶

Contrastando com o mundo desenvolvido. uma parcela significativa do crescimento populacional será a dos "jovens", com um grande aumento da porcentagem de homens jovens [fenômeno conhecido como *youth bulge*] na América Latina, Oriente Médio e África Subsaariana.²⁷ Cerca de 59% da população da África Subsaariana terá menos de 24 anos até 2025.²⁸ No Oriente Médio, a população em idade ativa aumentará em 50% e, no Norte da África, em 40%, o que desafiará os governos a fornecerem emprego para uma população jovem, com baixo nível de escolaridade e poucas oportunidades de trabalho, criando condições para possíveis conflitos violentos. Como apontou um recente artigo da revista *The Economist*, esses rapazes sem "emprego ou perspectiva" trocarão a "pobreza rural pela urbana e irão para as

Os especialistas preveem que a população mundial aumentará em 23,4% de 2005 a 2025.

favelas, levando sua raiva e seus facões".²⁹ Nos últimos vinte anos, 80% de todos os conflitos civis ocorreram em países em que 60% ou mais da população tinha menos de 30 anos de idade.³⁰

Migração. Parcelas significativas da população mundial se deslocarão, principalmente para as cidades. Até 2030, 61% da população

mundial viverá em cidades, em comparação com 47% em 2000.³¹ E embora a taxa de urbanização vá ser maior nos países desenvolvidos em comparação com os países em desenvolvimento (81,7% em comparação com 57%), os países

Quando a China se estabelecer como potência mundial, poderá ser menos comedida na condução dos seus assuntos externos.

em desenvolvimento terão dificuldades para controlar a transição para sociedades urbanas.³² As favelas provavelmente proliferarão nas "megacidades", que enfrentarão criminalidade e doenças. A migração para países mais ricos também continuará, conforme os trabalhadores procurarem melhores oportunidades econômicas. Segundo as informações do Centro de Denvolvimento, Conceitos e Doutrina de Defesa, o número de pessoas vivendo fora do próprio país aumentará, passando de 175 milhões em 2020 para 230 milhões em 2050.33 A degradação do meio ambiente, desastres naturais ou conflitos armados também forçarão as populações a sair de seus lugares de origem. A forma como os países desenvolvidos e em desenvolvimento absorverão o fluxo de imigrantes poderá determinar o nível de conflito associado a esses movimentos.

Identidade. A forma como os segmentos da população mundial se autoidentificarão poderá mudar radicalmente nos próximos 20 anos. A lealdade individual ao Estado e às instituições do governo se tornará cada vez mais condicional.³⁴ A identidade se baseará cada vez mais em filiações étnicas e convições religiosas.³⁵ A identidade religiosa poderá tornar-se um fator mais importante na forma de as pessoas se identificarem. Apesar de a Europa continuar quase totalmente secular, a religião terá uma influência maior em áreas tão variadas quanto a China, África, América Latina e Estados Unidos. Em algumas áreas do mundo em desenvolvimento, o Islã continuará a aumentar

como identidade abrangente para um grande número de pessoas. Em outras regiões, a etnia e as lealdades tribais continuarão sendo a forma predominante de identificação.

Potências Emergentes

A ascensão de atores globais poderosos modificará o modo como mapeamos mentalmente o planeta em um mundo cada vez mais multipolar. O livro *Mapping the Global Future* compara a emergência da China e da Índia à ascensão da Alemanha unificada no século XIX e à ascensão dos Estados Unidos no século XX.³⁶ O centro de gravidade mundial mudará progressivamente para o Pacífico.

China. A China se tornará um ator poderoso no sistema mundial. A ascensão da China foi chamada de "um dos eventos determinantes do início do século XXI"37. A influência diplomática e econômica da China continuará a se expandir mundialmente. Seu Produto Nacional Bruto deverá ultrapassar todas as potências econômicas, exceto os Estados Unidos, dentro de 20 anos.³⁸ A demanda da China por energia para alimentar seu crescimento fará com que se torne uma presença mundial conforme o país se expandir para garantir fontes de energia. Na Ásia Oriental, a China provavelmente utilizará sua crescente influência para delinear os "contornos político-institucionais" da região a fim de criar uma comunidade regional que exclua os Estados Unidos.³⁹ Tudo isso será provavelmente acompanhado de um aumento contínuo das Forças Armadas da China para reforçar seu status de potência mundial em crescimento.

A decisão da China em buscar ou não uma ascensão pacífica terá um profundo impacto no curso dos assuntos internacionais nos próximos 30 anos. A ascensão e queda das grandes potências é uma da dinâmicas mais importantes no sistema internacional, uma dinâmica que é, muitas vezes, acompanhada de instabilidade e conflito. 40 O Centro de Desenvolvimento, Conceitos e Doutrina de Defesa acredita que a China abordará as relações internacionais com bastante pragmatismo, mas enfrentará desafios tremendos conforme se desenvolver. Poderá exercer seu crescente poder brando e militar para proteger seu crescimento ou garantir a estabilidade interna. 41 Quando a China se

estabelecer como potência mundial, poderá ser menos comedida na condução dos seus assuntos externos.⁴²

Outras potências. Outras nações poderão também desempenhar um maior papel na arena internacional. Entre as mencionadas nos estudos estão a Índia, Rússia, Indonésia, África do Sul e Brasil. Dependendo da sua capacidade de obter uma maior coesão política, uma União Europeia mais unida poderá também ter um papel de maior destaque, principalmente como modelo de governança regional e global. Outra possibilidade seria o surgimento de uma aliança rival.

A ascensão dessas potências poderá significar o declínio do poder relativo dos Estados Unidos. Apesar de os Estados Unidos continuarem desempenhando o papel principal nos assuntos internacionais, seu domínio poderá diminuir. Nos próximos 20 anos, um mundo mais multipolar poderá se desenvolver, com a difusão do poder político, econômico e militar em todo o mundo e uma diminuição relativa da capacidade dos EUA de influenciar o diálogo sobre os principais tópicos mundiais.

Meio Ambiente e Competição por Recursos

O consenso científico aponta cada vez mais a atividade humana como sendo o principal fator que contribui para o aquecimento global. Apesar de a ciência climática ser complexa e de existirem divergências quanto aos prováveis danos, a possibilidade de efeitos catastróficos causados pelo aquecimento global é real. Consequências graves são prováveis por causa do "descongelamento das calotas polares, expansão térmica dos oceanos e mudanças nos fluxos e correntes oceânicas". ⁴⁶ Entre as possíveis consequências em terra estão a maior desertificação, redução de terras para habitação e agricultura, disseminação de doenças e aumento de eventos climáticos extremos.

As regiões mais afetadas provavelmente enfrentarão instabilidade social, econômica e política.⁴⁷ Essas regiões serão um arco de instabilidade que afetará as áreas não integradas do planeta, piorando, em particular, os padrões de vida já baixos em várias nações da Ásia, África e Oriente Médio.⁴⁸ A possibilidade de colapso de mais Estados falidos aumentará conforme os



O secretário de Defesa, Robert M. Gates, e o ministro da Defesa chinês, Cao Gangchuan, fazem uma inspeção das tropas durante uma cerimônia militar de boas-vindas em homenagem à chegada de Gates a Pequim, China, 5 de novembro de 2007.

governos fracos se tornem incapazes de lidar com as reduções de alimentos e água e aumentos de doenças e distúrbios sociais violentos.

Competição por recursos. Um fator que exacerba as preocupações ambientais é o aumento contínuo da competição por recursos. A demanda por recursos crescerá muito nos próximos 20 anos, à medida que os países se tornarem mais ricos e se modernizarem. De acordo com a Agência Internacional de Energia, a demanda por energia provavelmente crescerá em mais de 50% até 2035, e os combustíveis fósseis deverão ser responsáveis por 80% desse aumento. 49 A economia mundial continuará a depender fortemente do petróleo até pelo menos 2025.50 O consumo mundial de gás natural terá um aumento de 87%.51 Até agora, os Estados Unidos se mostraram pouco inclinados a tratar com seriedade de sua dependência em relação ao petróleo. O consumo de petróleo pelas potências asiáticas em crescimento também subirá vertiginosamente; a China terá de aumentar o consumo em 150% e a Índia em 100%, até 2020, para manterem o crescimento atual.⁵² Esse consumo explosivo exacerbará o aquecimento global na falta de uma estrutura mundial para lidar com o problema.

Por causa do crescimento global, a competição por esses recursos se intensificará conforme os Estados Unidos e outras grandes economias disputarem o acesso às fontes de energia. A competição aumentará os preços da energia, fazendo com que seja ainda mais difícil para os países em desenvolvimento arcar com os custos de energia para suas populações. Como observa Isaiah Wilson, garantir os

...atores não-estatais [são] um desafio fundamental para o sistema internacional baseado no Tratado de Westfália.

recursos é constantemente o principal objetivo das estratégias militares e de segurança dos países desenvolvidos. A busca por essa segurança continuará fazendo com que os países se envolvam em engajamentos militares e econômicos no "arco de instabilidade".⁵³ Os Estados Unidos manterão seu envolvimento no Oriente Médio durante os próximos anos. A China continuará a celebrar acordos bilaterais com várias nações na África para garantir seu suprimento de petróleo.

A degradação do ambiente e o maior crescimento econômico dos países causarão a concorrência não só por fontes tradicionais de energia, como também por alimento e água. Grandes segmentos da população viverão em áreas de "estresse hídrico", e a "quantidade de terra arável poderá diminuir". 54 O consumo de água doce (rios, lagos e lençóis freáticos renováveis) continuará a aumentar, privando ainda mais pessoas do acesso à água potável limpa.55 Ao mesmo tempo, a degradação do meio ambiente, a intensificação da agricultura e o ritmo acelerado de urbanização contribuirão para reduzir a fertilidade da terra arável e o acesso a ela.⁵⁶ A dependência cada vez maior em relação aos biocombustíveis para a crescente necessidade de energia reduzirá o rendimento de culturas agrícolas para suprimento de alimentos. A competição por outras fontes de alimento, incluindo a pesca, aumentará.⁵⁷ Na verdade, os pescadores africanos já lamentam o desaparecimento do seu ganha-pão, enquanto os europeus reclamam do aumento do preço do peixe nos restaurantes.58

Atores Não-estatais e Desafios à Governança

Os estudiosos consideram o surgimento de atores não-estatais como um desafio fundamental para o sistema internacional baseado no Tratado de Westfália.⁵⁹ Os Estados Unidos, sendo líderes e arquitetos do sistema de Westfália moderno, foram e continuarão sendo o foco principal desse desafio. Os atores não-estatais, que não se deixam limitar por fronteiras nacionais, provavelmente continuarão a crescer em força e poder letal. Grupos pequenos e com poder serão cada vez mais capazes de maiores realizações, ao passo que o quase monopólio dos Estados sobre as informações e o poder destrutivo continuará a diminuir. 60 Vários fatores contribuíram para sua causa. O Conselho Nacional de Inteligência vê uma "tempestade perfeita" em determinadas regiões do mundo subdesenvolvido, à medida que governos fracos, economias lentas, extremismo religioso e jovens desempregados alimentam os movimentos extremistas. 61

A Al-Qaeda continua sendo uma grande ameaça no curto prazo. Segundo depoimentos recentes de funcionários da Inteligência dos EUA, a Al-Qaeda continua ganhando força do seu refúgio no Paquistão e vem "melhorando sua capacidade de recrutar, treinar e posicionar agentes capazes de realizar ataques dentro dos Estados Unidos". 62 Mesmo que o Ocidente consiga neutralizar a Al-Qaeda, o Conselho Nacional de Inteligência acredita que os fatores que contribuíram para o surgimento da Al-Qaeda não diminuirão nos próximos 15 anos e prevê que, até 2020, "grupos extremistas de inspiração semelhante, mas mais difusos" vão substituí-la. 63

Desafios à governança. Atores nãoestatais, como a Al-Qaeda, desempenharão um papel importante na disseminação de ideologias extremas e violentas. Alimentados pela percepção de injustiça em um mundo globalizado e pela frustração com a opressão dos regimes autoritários regionais, os principais segmentos da população no arco de instabilidade poderão se unir ao Islã radical e atacar as instituições do governo tradicional por meios violentos. Essas forças poderão também cruzar fronteiras nacionais para formar um órgão de governo transnacional dedicado ao terrorismo e à Jihad. O Conselho Nacional de Inteligência. por exemplo, considera o possível cenário de que o Islã político forneça o contexto para formar um califado sunita e recorra ao apoio popular islâmico para desafiar os regimes tradicionais.⁶⁴ O Projeto Princeton sobre Segurança Nacional apresenta outro cenário, no qual um arco radical de governos xiitas dominaria áreas do Irã à Palestina, patrocinaria o terrorismo no Ocidente e tentaria desestabilizar o Oriente Médio. 65

Os governos no arco de instabilidade enfrentarão desafios tremendos para obter a estabilidade. Terão de lidar com os efeitos adversos da globalização, mudanças climáticas, desemprego e uma nova forma de política de identidade. Para ter sucesso, precisarão combater a corrupção interna e reformar seus governos autoritários e ineficientes. Precisarão fazer isso

ao mesmo tempo em que uma ideologia radical ataca furiosamente sua legitimidade e quaisquer vínculos com o mundo ocidental.

O crime internacional também desafiará a governança. 66 A sofisticação e a letalidade das atividades criminosas continuarão a aumentar, à medida que melhores armas e tecnologias de comunicação continuarem a proliferar. 67 Essas atividades estarão cada vez mais interligadas com conflitos civis e terrorismo, à medida que os grupos criminosos se aproveitarem dos

...até 2020 a Coreia do Norte e o Irã terão capacidades de mísseis balísticos intercontinentais...

benefícios de uma maior globalização e das suas alianças com atores estatais e não-estatais, incluindo terroristas.

Os atores não-estatais podem também oferecer oportunidades para uma maior colaboração para enfrentar esses desafios futuros. Organizações internacionais, regionais e não-governamentais continuarão a expandir sua capacidade. Apesar de a governança sobre o comércio e o crime internacional ter aumentado por causa da ampliação das redes governamentais transnacionais, novos mecanismos e instituições de cooperação serão necessários para lidar com problemas regionais e globais cada vez mais complexos. Essas redes precisam continuar se fortalecendo para solucionar os problemas globais.

Tecnologia

Os avanços tecnológicos trazem muita esperança, mas também muito medo porque as principais inovações tecnológicas têm um impacto em todos os aspectos da nossa vida. Podemos esperar mais progresso em tecnologia de informação e nanotecnologia, inovações em biotecnologia e mais investimentos em pesquisa e desenvolvimento. 69 Computadores mais rápidos, aliados a elementos de nanotecnologia e biotecnologia, poderão aumentar nossa

capacidade de lidar com grandes desafios, como saúde humana, questões ambientais e desnutrição.

Por outro lado, a disponibilidade e a facilidade de transferência de tecnologia permitem um acesso maior a armas que antes não estavam disponíveis. A facilidade de usar a tecnologia comercial também exacerbou o problema da proliferação. 70 Isso é extremamente perigoso em termos de armas de destruição em massa. O Projeto Princeton sobre Segurança Nacional afirma que "o mundo está à beira de uma nova era de perigo nuclear". 71 A Coreia do Norte possui armas nucleares. Apesar das constatações da recente Estimativa Nacional da Inteligência dos Estados Unidos, parece provável que o Irã ainda esteja determinado a adquirir a capacidade para construir armas nucleares. Se a comunidade internacional não puder controlar esses países, outros países no Oriente Médio e Asia Oriental provavelmente tentarão entrar para o clube nuclear.72

Os países também continuarão tentando obter armas químicas e biológicas, assim como a capacidade de lançá-las. Armas químicas e biológicas podem ser integradas a infraestruturas comerciais legítimas para ocultar as capacidades de um país.⁷³ Ao mesmo tempo, mais países poderão adquirir mísseis balísticos e de cruzeiro, assim como veículos aéreos não tripulados. O Conselho Nacional de Inteligência acredita que, até 2020, a Coreia do Norte e o Irã terão capacidades de mísseis balísticos intercontinentais (Intercontinental Ballistic Missile—ICBM) e que vários países desenvolverão foguetes espaciais.⁷⁴ Uma prévia dessas capacidades pôde ser vista em 5 de fevereiro de 2008, quando o Irã lançou o foguete Kavoshgar-1 no espaço usando tecnologia semelhante à necessária para mísseis de balística de longo alcance.⁷⁵

Ao mesmo tempo, várias pessoas nos Estados Unidos temem o enfraquecimento do domínio americano em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias novas e emergentes. O número de alunos americanos de doutorado em Engenharia está diminuindo ao mesmo tempo que o número de estudantes estrangeiros voltando para os seus países após cursarem universidades americanas está aumentando. A revista *The Economist* observa que as tendências internas na política

americana e na política de imigração impedem que os melhores e mais brilhantes talentos do mundo "cruzem os umbrais dos EUA".⁷⁷

Tecnologia e terroristas. O possível nexo de grupos terroristas com armas nucleares talvez seja o cenário mais assustador para os especialistas em Segurança Nacional. A crescente facilidade com a qual os terroristas podem adquirir armas para lançar um ataque nuclear contra os Estados Unidos apresenta um cenário de pesadelo. Graham Allison observa que existem mais de 200 locais em todo o mundo onde os terroristas podem adquirir armas nucleares ou materiais físseis. 78 A Rússia, o Paquistão e a Coreia do Norte são algumas das possíveis fontes. Se os terroristas não podem adquirir uma bomba nuclear, têm acesso hoje à tecnologia e às ferramentas para construir sua própria bomba. 79 A parte difícil é adquirir o material físsil necessário para fazer uma bomba caseira. Há evidências de que a Al-Qaeda tentou adquirir uma arma nuclear para atacar os Estados Unidos. 80 A possibilidade de o Irã adquirir capacidades nucleares é também motivo de grande preocupação por causa das capacidades do Hezbollah, sua força aliada.⁸¹

Ambiente Operacional e Avaliação de Ameaças

A segunda parte deste trabalho explora as ramificações dessas tendências para cada tipo de missão, explicando os ambientes operacionais e a natureza da ameaça. Existem limitações óbvias para essa estrutura. Em primeiro lugar, as missões provavelmente serão empreendimentos conjuntos e interagências, e seu sucesso não dependerá apenas do emprego da força militar. Em segundo lugar, rotular esses desafios de "ameaças" implica um relacionamento antagônico, o que nem sempre será o caso. O surgimento de grandes potências, por exemplo, poderá não resultar necessariamente em condições adversas em assuntos internacionais. Em terceiro lugar, alguns desafios não se encaixam nessas categorias e, por isso, nem sempre identificaremos uma ameaca emergente. A crescente comunidade islâmica radical na Europa pode ser um exemplo disso.



O segundo-sargento Corey Farr, da Força Aérea dos EUA, paraquedista de resgate do 82º Esquadrão de Resgate Expedicionário, prepara-se para embarcar em um helicóptero dos Fuzileiros Navais durante um exercício de treinamento perto de Camp Lemonier, Djibouti, 2 de maio de 2009.

Entretanto, a categorização destaca os tipos bastante variados de missão que as nossas Forças Armadas poderão realizar nos próximos 20 anos. Com orçamentos mais apertados para despesas discricionárias, os Estados Unidos precisam priorizar missões e empregar as Forças Armadas de forma eficiente e eficaz. Examinar e analisar as missões permite que cada força singular faça seu planejamento de acordo e adapte-se à infinidade de possibilidades que o ambiente estratégico futuro poderá apresentar.

Então, o que essas tendências significam para as nossas Forças Armadas? As forças expedicionárias americanas poderão precisar entrar no que Posen chama de "zonas disputadas". Essas zonas correspondem a áreas que o Pentágono chamou de "arco de insegurança" global. Qualquer missão nessas zonas será perigosa e difícil porque as realidades políticas, físicas e tecnológicas invalidam muitas vantagens militares americanas. Embora esse tenha de ser um empreendimento conjunto, as forças terrestres provavelmente liderarão

essas missões. As forças aéreas, marítimas e espaciais, por outro lado, liderarão o esforço em reagir às ameaças ao "domínio dos espaços comuns". Com a ascensão das potências emergentes e os avanços tecnológicos, os países entrarão em espaços comuns em que as Forças Armadas dos Estados Unidos tradicionalmente mantiveram o domínio. Por último, todas as forças continuarão apoiando o Departamento de Segurança Interna e outros órgãos federais para defender o território nacional contra atores não tradicionais. Em todos os tipos de missão, as Forças Armadas dos Estados Unidos enfrentarão ameaças cada vez maiores, que tentam se aproveitar de qualquer vulnerabilidade.

Guerra Expedicionária em Zonas Disputadas

Apesar de a Força Aérea e a Marinha terem começado a estruturar suas forças para a guerra expedicionária, a força terrestre provavelmente liderará as missões nas "áreas disputadas" no arco de insegurança. Essas áreas, que vão desde

a Bacia do Caribe, atravessando a maior parte da África, Oriente Médio, Ásia Central e Sudeste Asiático, envolverão de forma desproporcional os perdedores na globalização. 82 Na verdade, é nessas zonas que várias tendências dos próximos 20 anos convergirão. O aumento da pobreza ou pelo menos da pobreza relativa, um grande número de jovens desempregados, degradação ambiental, competição por recursos, surgimento de atores não-estatais letais, Estados falidos e proliferação de tecnologia de devastação serão mais evidentes e graves nesses locais.

A força expedicionária americana poderá ir para essas áreas por diversos motivos. Em primeiro lugar, essas áreas continuarão servindo de terreno fértil e refúgio para os elementos criminosos e as ideologias extremistas. Em segundo lugar, o aumento da demanda global e a competição por recursos energéticos poderão exigir a intervenção militar nessas áreas disputadas. Em terceiro lugar, guerras tribais ou genocídios poderão obrigar os Estados Unidos a se unirem a forças multilaterais para estabilizar regiões ou Estados falidos. Quarto, as intervenções humanitárias poderão aumentar se desastres naturais ou causados pelo homem provocarem o sofrimento ou a morte em massa. Nessas zonas, as forças americanas participarão tanto da gestão da violência quanto da gestão da paz, sendo forçadas a "travar" guerras de forma diferente.

Fatores políticos, físicos e tecnológicos farão com que as missões nessas áreas sejam particularmente difíceis. Os atores locais têm interesses mais fortes no resultado de uma guerra do que os Estados Unidos, e nossos adversários terão uma grande quantidade de homens em idade de combate à disposição. Terão também o "mando de campo". Estudaram a forma como as forças militares dos Estados Unidos lutam, e as armas exigidas para um combate cerrado são baratas e abundantes.83 Além disso, os conflitos que envolvem mais do que batalhas entre exércitos tradicionais exigirão também conhecimento especializado não tradicional em áreas como consciência cultural, trabalho e treinamento com nações aliadas, operações interagências e diplomacia. 84 O general-de-brigada Robert Scales chega a dizer que a próxima Guerra Mundial será a guerra dos cientistas sociais, descrevendo as

guerras seguintes como "guerras psicoculturais", que exigirão dos oficiais um conhecimento baseado na disciplina de Ciências Sociais. 85 Esses fatores invalidam as vantagens tradicionais da forma americana de combater uma guerra, baseada na tecnologia e na organização.

Como será o ambiente operacional para as forças expedicionárias dos Estados Unidos nas zonas disputadas? Uma pesquisa sugere que as forças dos Estados Unidos terão de atuar em um ambiente caracterizado pelos seguintes fatores:

- Ambientes extremamente urbanos/megacidades. Aproximadamente 60% da população mundial viverá em cidades até 2030.86 Algumas dessas cidades se transformarão em megacidades com grandes favelas. Poderão ter altos índices de criminalidade, forças policiais ineficazes ou corruptas, e altos níveis de instabilidade. Algumas megacidades poderão cair no caos.87
- Ambientes extremos. Essas regiões poderão se tornar cada vez mais inóspitas por causa das atividades humanas e mudanças climáticas. Poderão ter menos acesso aos recursos básicos necessários para a sobrevivência, como água e alimentos. Essas condições poderão, muitas vezes, obrigar as forças dos Estados Unidos a fornecer esses recursos às populações dos países nos quais atuam.
- Doenças contagiosas. Os países poderão também ter altos níveis de doenças contagiosas, como HIV/AIDS, malária, hepatite e tuberculose. 88
- Conflito endêmico. Poderá haver conflito subjacente entre a população, causado por confrontos transnacionais ou intercomunitários, ou fortes ideologias antiamericanas, como o Islã militante.⁸⁹
- Colapso do Estado funcional. As forças dos Estados Unidos poderão ter de atuar onde o governo fracassou e onde déspotas usam a violência extrema para controlar a população. 90
- Parceiros não militares. As forças americanas terão de entender como trabalhar com outros órgãos do governo e elementos da sociedade para combater os adversários. 91 A gestão da paz será sem dúvida um assunto interagências, já que os instrumentos do Poder Nacional se tornam cada vez mais essenciais para o sucesso. A presença da mídia e a cobertura da Internet também complicarão as missões. As Forças Armadas precisa-

rão ficar mais conscientes das implicações jurídicas e das regras de engajamento. 92

- Armas mais baratas e mais letais. Os adversários continuarão a beneficiar-se da grande facilidade em obter armas e continuarão a modificar o que estiver disponível a preços baixos para causar o máximo de danos às forças americanas.
- Armas de destruição em massa. Os avanços tecnológicos e a proliferação da tecnologia poderão fazer com que o uso de armas nucleares, químicas e biológicas contra as forças americanas seja uma possibilidade real.
- Maior colaboração com as forças armadas de países em desenvolvimento. Os declínios demográficos e as pressões fiscais resultarão em menor capacidade militar entre os aliados dos países desenvolvidos. As coalizões futuras dependerão cada vez mais de forças mal equipadas e menos treinadas, que poderão não ter a mesma ética das forças armadas profissionais dos Estados Unidos.⁹³
- A mídia no campo de batalha. A mídia provavelmente terá de cobrir as ações da força expedicionária no terreno e comunicá-las em tempo real para um público global.⁹⁴
- Desastres humanitários. Desastres naturais cada vez mais devastadores, causados por mudanças climáticas, poderão exigir mais assistência humanitária militar.

As ameaças virão de várias fontes:

- Terroristas. Os terroristas continuarão atacando os interesses americanos no exterior, buscando alvos fáceis para mandar o recado e inspirar grupos semelhantes a agir.
- Forças paramilitares. Essas forças se misturarão com a população local e se aliarão a grupos terroristas. Os Estados Unidos enfrentarão grupos rebeldes, gangues, insurgentes e grupos militares privados.
- Forças tribais. Forças tribais armadas poderão ser um grande desafio porque podem passar de adversários a aliados, dependendo da tática e da estratégia americanas e de mudanças nos cenários políticos locais.
- Elementos criminosos. A fraca governança permitirá que elementos criminosos locais e transnacionais se multipliquem. Os cartéis de drogas continuarão sendo uma presença internacional e as mais conhecidas redes criminosas.⁹⁵

• Forças Armadas tradicionais. Apesar de as hostilidades com outro Estado serem raras, o aumento da competição por recursos poderá causar conflitos entre Estados.

Como Manter o Domínio dos Espaços Comuns

Posen descreve "espaços comuns" como aquelas áreas que não são propriedade de Estado algum, mas que fornecem acesso à maior parte do planeta. O conceito é análogo ao domínio dos mares, apesar de Posen também incluir o domínio do ar e do espaço. 96 O ambiente operacional conjunto também inclui o domínio do ciberespaço. Segundo Posen, "domínio dos espaços comuns" significa que os Estados Unidos usam bem mais os espaços comuns que outros governos, que os Estados Unidos podem geralmente negar seu uso a terceiros, e que outros podem perder acesso aos espaços comuns se tentarem negar seu uso aos Estados Unidos. O domínio dos espaços comuns foi o "principal elemento militar" para a posição mundial dos EUA, permitindo-lhes explorar melhor outras fontes de poder.⁹⁷

As forças marítimas, aéreas e espaciais americanas serão as primeiras a responder a esses desafios ao domínio dos espaços comuns. Apesar de ser provável que o domínio dos espaços comuns permaneça incontestado a

Apesar de não ter havido ataques terroristas aos Estados Unidos desde 2001, ainda não está claro se as medidas de segurança implementadas até agora tornaram o país mais seguro.

curto e médio prazo, a ascensão de potências emergentes poderá levar à competição com o passar do tempo. Posen observa que as fontes do domínio dos Estados Unidos incluem recursos econômicos americanos e exploração militar da Tecnologia da Informação. 98 Conforme o poder americano começar a diminuir relativamente e o avanço tecnológico se difundir, outras nações poderão explorar esses fatores para se tornarem concorrentes viáveis. Alguns países já lançaram mísseis no espaço, começaram a investir em marinhas oceânicas e aumentaram suas capacidades de Guerra Cibernética.

As considerações a seguir são fundamentais para o ambiente operacional:

- Maior interesse no espaço. As potências emergentes continuarão expandindo seus programas espaciais. Avanços tecnológicos permitirão que mais países lancem foguetes e satélites. 99 Os Estados Unidos ficarão cada vez mais preocupados com a capacidade dos países de transformar essa tecnologia em mísseis balísticos intercontinentais, assim como armas que ameaçam as capacidades espaciais dos Estados Unidos.
- Proliferação nuclear. À medida que mais países adquirirem armas nucleares, a capacidade ou inclinação americana para intervir em diversas áreas de espaços comuns (ou áreas disputadas) poderão diminuir devido à ameaça de retaliação nuclear.
- Proliferação de tecnologia de míssil. A proliferação da tecnologia de míssil poderá retirar certas áreas dos espaços comuns dos Estados Unidos. Alguns exemplos são as rotas marítimas no Estreito de Ormuz, Canal de Suez e Estreito de Malaca.¹⁰⁰

...as Forças Armadas terão de redefinir o conceito de guerra e a natureza e utilidade das forças militares.

• Vulnerabilidades de conectividade. O aumento da automação e da dependência em relação à Tecnologia da Informação deixam os Estados Unidos mais vulneráveis aos ataques cibernéticos à medida que os adversários usam técnicas como *worms*, vírus, Cavalos de Tróia, *botnets* ou pulso eletromagnético. 101

A ascensão de grandes potências resultará em nações com maior capacidade militar convencional como a dos Estados Unidos. Elas possuirão forças "de redes baseadas em informações", assim como forças navais com capacidades aéreas e submarinas. 102 As nações poderão também desafiar o domínio das suas rotas marítimas regionais, assim como o domínio dos Estados Unidos no espaço e no ciberespaço. Além disso, os atores não-estatais poderão explorar a tecnologia para conduzir a Guerra Cibernética.

Apoio Militar à Defesa do Território Nacional

Conforme a globalização e os avanços tecnológicos diminuírem o tamanho do mundo, o território nacional dos Estados Unidos ficará mais vulnerável. Os ataques de 11 de Setembro foram um divisor de águas nos Estados Unidos, já que os formuladores de políticas começaram a reexaminar as defesas existentes e o equilíbrio entre segurança e liberdade. Muitas pessoas temem que elementos terroristas e outros elementos criminosos explorem a abertura da sociedade civil americana para atacar nossa infraestrutura financeira, energética ou governamental. A crescente disponibilidade de armas nucleares poderá resultar em um ataque que fará com que os danos psicológicos e físicos de 2001 pareçam pequenos.

Apesar de não ter havido ataques terroristas aos Estados Unidos desde 2001, ainda não está claro se as medidas de segurança implementadas até agora tornaram o país mais seguro. Muitos duvidam da eficácia das nossas mudanças e criticam a dimensão exagerada do Departamento de Segurança Interna e a reestruturação que ocorreu com a criação dessa agência. O desempenho da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências (Federal Emergency Management Agency — FEMA) durante o furação Katrina reforçou essas preocupações. Alguns estudiosos também questionam se o Departamento de Inteligência Nacional deveria ter sido criado e se o FBI deveria ter sido mantido como o principal órgão de segurança pública relativo à Inteligência interna. 103 Outros, ainda, pedem a reforma das jurisdições e capacidade de supervisão dos comitês do Congresso. Não está claro como as forças militares dos Estados Unidos apoiarão da melhor forma possível o esforço interagências. As Forças Armadas são vistas simultaneamente como a última e maior rede de segurança para eventos de devastação, assim como uma possível ameaça às liberdades civis quando atuam dentro das fronteiras dos Estados Unidos.

A demanda por níveis mais altos de segurança no território nacional gera tensão com várias tradições culturais e políticas dos EUA. O aumento da vigilância doméstica está em conflito com as tão valorizadas liberdades civis. Da mesma forma, a maior proteção das fronteiras afeta a imigração e até a abertura para viajantes internacionais a negócios, dois fatores que podem ter impactos econômicos e culturais negativos no futuro. Os debates vigorosos em Washington, muitas vezes partidários, sobre escuta, tortura e imigração provavelmente continuarão. As principais áreas de preocupação são relacionadas a seguir:

- Armas de destruição em massa. A proliferação de tecnologia e materiais nucleares, biológicos e químicos fará com que os Estados Unidos fiquem cada vez mais vulneráveis a ataques com armas de destruição em massa.
- Desastres naturais. O furação Katrina poderá ter sido um sinal do que está por vir, e o país olha para as Forças Armadas como sendo a instituição mais eficaz para lidar com desastres naturais devastadores.
- Choques econômicos. Elementos terroristas podem atacar centros financeiros importantes nos Estados Unidos, como a Bolsa de Valores de Nova York, para atingir o sistema financeiro mundial. 103
- Crise energética. Falta de energia em relação ao aumento da demanda poderá deixar os Estados Unidos suscetíveis a crises energéticas.
- Fluxo de refugiados. Fatores econômicos e ambientais poderão aumentar a migração legal e ilegal oriunda da América Latina e de outros locais.
- Ataques cibernéticos. A maior automação dos nossos sistemas financeiros, infraestrutura física e operações governamentais torna o território nacional mais vulnerável a ataques aos nossos sistemas de informação por atores estatais e não-estatais.

Existem várias fontes prováveis de ameaça. A Al-Qaeda e outros grupos terroristas continuam sendo a maior ameaça ao território nacional dos Estados Unidos. Outros grupos terroristas islâmicos poderão surgir, não diretamente associados à Al-Qaeda, mas inspirados por uma ideologia extremista semelhante. Elementos da nossa sociedade poderão se sentir atraídos pela ideologia islâmica extremista e planejar ataques de forma independente. Criminosos transnacionais, inclusive cartéis de drogas, continuarão tendo presença nos Estados Unidos. Apesar de os ataques estatais no território nacional dos Estados Unidos serem raros, Estados hostis poderão empregar suas forças aliadas para atacar locais vulneráveis usando métodos difíceis de rastrear, tais como ataques cibernéticos. Poderão também usar medidas econômicas, como embargos energéticos ou medidas financeiras como credores de dívidas americanas, para prejudicar a economia dos Estados Unidos.

Como Enfrentar os Desafios

Os desafios dos próximos 20 anos são imensos e variados. Alguns são imediatos, e outros são sistêmicos ou de longo prazo. Nesse contexto, as Forças Armadas dos Estados Unidos precisam ser suficientemente flexíveis e multitalentosas para desempenhar os vários papéis que a nação possa exigir delas. As operações nas áreas disputadas serão extremamente complexas e multidimensionais, e talvez mais frequentes; as Forças Armadas terão de redefinir o conceito de guerra e a natureza e utilidade das forças militares. A política das grandes potências continuará e poderá se manifestar no desafio ao domínio americano dos espaços comuns. Os Estados Unidos poderão ter de reexaminar seu status hegemônico e o papel de suas forças na manutenção do sistema internacional. As ameacas ao território nacional dos Estados Unidos continuarão e aumentarão. As Forças Armadas precisarão funcionar eficazmente no processo interagências para auxiliar na defesa do território nacional. Entretanto, nossas Forças Armadas precisam fazer isso em uma época de redução de suas verbas. Uma análise de previsões das prováveis tendências sobre essas várias missões militares se mostrará essencial para nos prepararmos para os desafios que temos pela frente. MR

REFERÊNCIAS

- 1. Este artigo foi originalmente escrito para a Conferência de Alto Nível de 2008 da Academia Militar dos Estados Unidos, em West Point. O artigo reflete as opiniões do autor e não necessariamente as de West Point. Agradecimentos especiais ao sr. Roland DeMarcellus, coronel Mike Meese e coronel Cindy Jebb pela sua orientação e ajuda na revisão.
- 2. POSEN, Barry. "Command of the Commons: The Military Foundation of U.S. Hegemony", International Security 28, no..1 (Summer 2003): pp. 5-46. Posen divide o mundo em duas áreas: os espaços comuns [commons] e as "áreas disputadas". Os Estados Unidos detêm atualmente o domínio dos espaços comuns, que, segundo ele, são compostos do espaço aéreo, marítimo e espacial. As zonas disputadas, por outro lado, são "territórios mantidos pelo inimigo". Os Estados Unidos não têm domínio sobre essas áreas.
- 3. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, Mapping the Global World (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 2004), p. 10.
 - 4. Ibid., p. 27.
- 5. DEVELOPMENT, CONCEPTS AND DOCTRINE CENTRE (DCDC), The DCDC Global Strategic Trends Programme 2007-2036 (2007), p. 3.
 - 6. Miniconferência em West Point, março de 2008.
 - 7. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 10.
- 8. EUROPEAN UNION INSTITUTE OF SECURITY STUDIES (EUISS), The New Global Puzzle: What World for the EU in 2025? (EU Institute for Security Studies, 2006), p. 32.
 - 9. Ibid., p. 32.
 - 10. Ibid., p. 34.
 - 11. DCDC, p. 3.
 - 12. Chefe do Estado-Maior de Defesa
 - 13. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 29.
 - 14. EUISS, p. 34.
 - 15. DCDC, p. 3.
- 16. UNITED STATES JOINT FORCES COMMAND. Joint Operating Environment (JOE): Trends and Challenges for the Future Joint Force Through 2030 (Dezembro de 2007), p. 54.
- 17. PRINCETON PROJECT ON NATIONAL SECURITY (PPNS), Forging a World of Liberty Under Law: U.S. National Security In the 21st Century (The Woodrow Wilson School of Public and International Affairs, 2006), p. 51.
 - 18. Ibid., pp. 50-51.
 - 19. EUISS. P. 15.
 - 20. EUISS, pp. 19 and 20.
 - 21. Ibid., pp. 20 and 21.
- 22. UN DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS/ POPULATION DIVISION. "Replacement Migration: Is it a Solution to Declining and Ageing Populations?", p.21.
 - 23. Ibid., p. 53; EUISS, p. 20.
 - 24. Ibid., p. 20.
- 25. NAÇÕES UNIDAS, World Urbanization Prospects: The 2005 Revision.
 - 26. EUISS, p.15.
 - 27. JOE, p. 10.
 - 28. EUISS, p. 22
- 29. "Young, alive but not very heaven", The Economist, 2 a 8 de fevereiro de 2008, p. 54.
 - 30. JOE, p. 10.
- 31. COHEN, Barney. "Urbanization in developing countries: Current trends, future projections, and key challenges for sustainability", Technology in Society 28 (2006), p. 68.
 - 32. EUISS, p. 17
- 33. UN DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS/ POPULATION DIVISION, International Migration Report 2002 (New York, 2002).
 - 34. DCDC, p. 10.
 - 35. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 79.
 - 36. Ibid., p. 9.
 - 37. PPNS, p. 47
 - 38. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 9.
 - 39. PPNS, p. 46.
 - 40. Ibid., p. 48.
 - 41. DCDC, p. 45.
 - 42. DCDC, p. 38, NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 51.

- 43 NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL p. 57
- 44. Miniconferência em West Point, março de 2008.
- 45. DCDC, p. 2.
- 46. PPNS, p. 53.
- 47. JOE
- 48. INTERNATIONAL ENERGY AGENCY: World Energy Outlook
 - 49. JOE, p. 30.
 - 50. EUISS, p. 54.
 - 51. PPNS, p. 53.
 - 52. WILSON, Isaiah "The Arc of Instability and Energy Predation".
- 53. DCDC, p. 8.
- 54. EUISS, p. 78.
- 55. DCDC, p. 8.
- 56. JOE, p. 25; DCDC, p. 78.
- 57. ROSENTHAL, Elisabeth. "Europe's Appetite for Seafood Propels Illegal Trade", New York Times, 15 de janeiro de 2008.
 - 58. WILSON, Isaiah. "Strength and Honor", p. 8.
 - 59. Miniconferência em West Point, março de 2008.
 - 60. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 14.
- 61. MAZZETTI, Mark. "Intelligence Chief Cites Qaeda Threat to U.S.", New York Times, 6 de fevereiro de 2008.
 - 62. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, 94.
 - 63. Ibid., p. 83.
 - 64. PPNS, p. 39.
 - 65. JOE, p. 12.
 - 66. Ibid., p. 12.
- 67. SLAUGHTER, Anne-Marie. A New World Order (Princeton: Princeton University Press, 2004); DCDC, p. 14.
 - 68. EUISS, p. 91.
 - 69. Miniconferência em West Point, março de 2008.
 - 70. PPNS, p. 43.
 - 71. Ibid., p. 43.
 - 72. NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL, p. 100.
 - 73. Ibid., p. 101.
- 74. FATHI, Nazila. "Iran Launches Rocket to Commemorate New Space Center", New York Times, 5 de fevereiro de 2008, A10.
 - 75. Miniconferência em West Point, marco de 2008
 - 76. "Help not wanted", The Economist, 12 a 18 de abril de 2008, p. 38.
- 77. ALLISON, Graham. Nuclear Terrorism: The Ultimate Preventable Catastrophe (New York: Times Books, 2005), p. 67.
 - 78. Ibid., p. 92.
 - 79. Ibid., p. 20.
 - 80. Ibid., p. 36.
- 81. "Arc of Insecurity". Designado pelo Chefe do Estado-Maior de Defesa em Wilson, "The Arc of Instability and Energy Predation" p. 3.
 - 82. Posen, p. 24.
 - 83. JOE, p. 59.
 - 84. SCALES, Robert H. "Clausewitz and World War IV".
 - 85. JOE.
 - 86. DCDC, p. 29.
 - 87. DCDC, p. 7.
 - 88. Ibid., p. 51.
 - 89. JOE, p. 39.
 - 90. Ibid., p. 59.
 - 91. DCDC, p. 72.

 - 92. Miniconferência em West Point, março de 2008.
 - 93. Ibid.
 - 94. JOE, p. 42.
 - 95. POSEN, p. 8.
 - 96. Ibid., pp. 8-9.
 - 97. Ibid., p. 10. 98. DCDC, p. 65.
 - 99. Ibid., p. 54.
 - 100. JOE, p. 35. 101. Ibid., p. 39.
- 102. POSNER, Richard. Remaking Domestic Intelligence (Palo Alto, Califórnia: Hoover Institution Press at Stanford, 2005).
 - 103. Ibid., p. 47.